

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL/PR  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS SOCIAIS  
E HUMANAS**

**JAQUELINE SUZAMARE GRACHESKI**

**EFEITOS DA RELIGIOSIDADE NO COTIDIANO DAS MULHERES DA  
COMUNIDADE VERA CRUZ DE LARANJEIRAS DO SUL/PR**

**LARANJEIRAS DO SUL/PR**

**2024**

**JAQUELINE SUZAMARE GRACHESKI**

**EFEITOS DA RELIGIOSIDADE NO COTIDIANO DAS MULHERES DA  
COMUNIDADE VERA CRUZ DE LARANJEIRAS DO SUL/PR**

Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado como requisito para obtenção de grau  
de Licenciada em Educação do Campo: Ciências  
Sociais e Humanas da Universidade Federal da  
Fronteira Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Liria Ângela Andrioli

**LARANJEIRAS DO SUL/PR**

**2024**

## Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Gracheski, Jaqueline Suzamare  
EFEITOS DA RELIGIOSIDADE NO COTIDIANO DAS MULHERES DA  
COMUNIDADE VERA CRUZ DE LARANJEIRAS DO SUL/PR /  
Jaqueline Suzamare Gracheski. -- 2024.  
43 f.:il.

Orientadora: DOUTORA Liria Ângela Andrioli

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em Educação do Campo: Ciências Sociais e  
Humanas, Laranjeiras do Sul, PR, 2024.

1. COTIDIANO. 2. COMUNIDADE. 3. MULHERES. 4.  
RELIGIOSIDADE. I. Andrioli, Liria Ângela, orient. II.  
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**JAQUELINE SUZAMARE GRACHESKI**

**EFEITOS DA RELIGIOSIDADE NO COTIDIANO DAS MULHERES DA  
COMUNIDADE VERA CRUZ DE LARANJEIRAS DO SUL/PR**

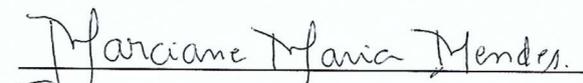
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Educação do Campo – Licenciatura, da  
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS),  
como requisito para obtenção do título de  
Licenciado(a).

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 10/07/2024.

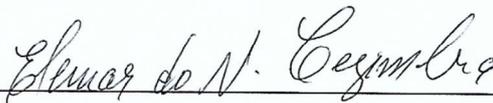
**BANCA EXAMINADORA**



Profa. Dra. Liria Ângela Andrioli – UFFS  
Orientadora



Profa. Dra. Marciane Maria Mendes – UFFS  
Avaliadora



Prof. Dr. Elemar do Nascimento Cezimbra – UFFS  
Avaliador

## **AGRADECIMENTOS**

Aos longos cinco anos do curso pensei em como faria os agradecimentos. Esse momento é muito mágico e, ao mesmo tempo, desafiador. Vem nas lembranças as dificuldades enfrentadas, o caminho percorrido, a dor da escrita, e as perdas no decorrer do curso.

Esse sonho está se realizando e não era só meu. O que me faz chegar a esse tão sonhado momento é a certeza de que não andei sozinha. A escrita sempre solitária, porém, o caminho até a escrita sempre muito coletivo.

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter me dado a oportunidade de adentrar à Universidade pública e reconhecida, me guiou nos momentos mais difíceis que passei aos longos desses anos.

À Nossa Senhora, a quem tanto tenho devoção e nos momentos mais confusos foi a minha luz, abriu a minha mente e me manteve firme nas minhas conquistas.

Agradeço ao meu companheiro que foi um alicerce nas horas de fraqueza, de necessidade, de acompanhamento, de ajuda. Sou muito grata por tantos ensinamentos, tantos desafios dentro da pesquisa, do curso. Acreditou em mim quando nem eu acreditava, ofereceu amparo e se dedicou a casa e as filhas, quando não pude, quando estava ausente.

Sou grata aos meus pais, que por mais dificuldades que enfrentamos para estudar, nunca desistiram de me apoiar enquanto discente, devo a eles minha vida e os ensinamentos que tive por serem honestos e batalhadores.

Agradeço às minhas filhas que percorreram comigo 5 anos de estudos diários, a Analia sempre tão prestativa em cuidar da irmã nos corredores da Universidade em dias de prova, a me dar um abraço quando eu não tive mais forças e por me incentivar a não desistir, à Maria Cecília que por maior dificuldade e frio que enfrentamos, ela não ficou longe de mim nem um sequer dia.

Agradeço a ciranda, à Ana Hammel, Benedito, Bruna, Sabrina que estavam dispostos a ficar com minhas filhas três períodos do curso de alternância. Obrigada de coração pelos cuidados e por auxiliarem a Maria Cecília no momento de andar e tantos outros que eu não pude fazer presente.

Às minhas colegas de sala de aula por me auxiliarem nos cuidados com minhas filhas, na ajuda das atividades que eu me sobrecarregava e elas nunca mediram esforços ao me ajudar.

Agradeço intensamente a Profa. Dra Liria Ângela Andrioli, minha grande inspiração na linha de pesquisa. Por aceitar ser minha orientadora e sempre me levar por águas tranquilas nos momentos de desespero, pelas inúmeras leituras, orientações, ensinamentos compartilhados, incentivos e amizade que construímos nesses anos. Me engrandeceu suas orientações enquanto pesquisadora e me deu base.

Ao meu cunhado Vitor, pelas inúmeras conversas, incentivos desde o processo seletivo, até a formação, com muita dedicação e entusiasmo nunca desistiu de mim. Foi meu pai, meu irmão, meu melhor amigo. Obrigada por cada contribuição.

Aos queridos professores da pesquisa, Profa. Dra. Marciane Maria Mendes e Prof. Dr. Elemar do Nascimento Cezimbra, por aceitarem o convite, ter a leitura atenta e estarem dispostos a contribuir com a pesquisa. As contribuições me ajudaram no crescimento intelectual e aperfeiçoamento pessoal.

A cada um que esteve comigo nessa caminhada. Sempre estarão em minhas orações, sozinha nada disso seria possível, ao coletivo aqui um grande abraço.

## RESUMO

O trabalho tem por objetivo compreender os efeitos da religiosidade no cotidiano das mulheres da comunidade Vera Cruz, localizada no município de Laranjeiras do Sul/PR. A religiosidade é entendida como a vivência da fé, da espiritualidade e está amparada centralmente na religião católica onde as mulheres participantes da pesquisa se integram. O cotidiano reflete os acontecimentos da vida como um todo, bem como as suas marcas nas múltiplas territorialidades e nas relações, sociais e culturais. Por meio do cotidiano avançamos para transformar a nossa existência e também a sociedade. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, com estudo bibliográfico dos conceitos de religiosidade e cotidiano, com realização de entrevistas semiestruturadas e registros em um Diário de Campo. Também se configurou como um estudo de caso. Portanto, podemos concluir que a religiosidade fortalece as relações sociais e culturais e intensifica laços de cooperação dentro da comunidade. O envolvimento das mulheres não apenas demonstra uma participação ativa nas práticas religiosas, mas também um compromisso com a vida e a sustentabilidade da comunidade como um todo.

Palavras-chave: Cotidiano. Comunidade. Mulheres. Religiosidade.

## **ABSTRACT**

The aim of this study is to understand the effects of religiosity on the daily lives of women in the Vera Cruz community, located in the municipality of Laranjeiras do Sul/PR. Religiosity is understood as the experience of faith, of spirituality, and is centrally based on the Catholic religion in which the women taking part in the research are integrated. Daily life reflects the events of life as a whole, as well as its marks on the multiple territorialities and social and cultural relations. Through everyday life we move forward to transform our existence and also society. The methodology used was qualitative in nature, with a bibliographical study of the concepts of religiosity and everyday life, semi-structured interviews and records in a field diary. It was also a case study. We can therefore conclude that religiosity strengthens social and cultural relations and intensifies cooperation ties within the community. The women's involvement not only demonstrates active participation in religious practices, but also a commitment to the life and sustainability of the community as a whole.

Keywords: Everyday life. Community. Women. Religiosity.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização do município de Laranjeiras do Sul/PR.....	14
Figura 2 - Localização da Comunidade Vera CR município de Laranjeiras do Sul/PR	16
Figura 3 - Imagem da Igreja Vera cruz e ao lado o cruzeiro representando o nome da comunidade.....	19
Figura 4 - Histórico Escolar do ano de 1978.....	24
Figura 5 - Histórico Escolar do ano de 1979.....	25
Figura 6 - Antiga Igreja de madeira da comunidade Vera Cruz.....	28
Figura 7 - Mulheres carregando uma imagem sagrada em forma de devoção.....	30

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE LARANJEIRAS DO SUL/PR E DA COMUNIDADE VERA CRUZ .....</b>	<b>13</b>
2.1	O MUNICÍPIO DE LARANJEIRAS DO SUL NO ESTADO DO PARANÁ....	13
2.2	A COMUNIDADE VERA CRUZ.....	16
<b>3</b>	<b>EFEITOS DA RELIGIOSIDADE NO COTIDIANO DE VIDA DAS MULHERES DA COMUNIDADE VERA CRUZ EM LARANJEIRAS DO SUL/PR.....</b>	<b>21</b>
3.1	O COTIDIANO E A VIDA EM COMUNIDADE.....	21
3.2	INFLUÊNCIA DA RELIGIOSIDADE NO COTIDIANO DAS MULHERES.....	31
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>38</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>
	<b>APÊNDICE 1: ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS .....</b>	<b>43</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa compreender os efeitos da religiosidade no cotidiano das mulheres da comunidade Vera Cruz, localizada no município de Laranjeiras do Sul/PR. A temática de estudo está interligada com a realidade social, econômica e cultural de mulheres do campo, que compartilham a vida em comunidade e têm em seu cotidiano de vida a religiosidade fortalecida.

A escolha do problema de pesquisa se justifica por uma questão pessoal, tendo em vista que esta pesquisadora reside e convive na referida comunidade. A autora tem uma relação muito próxima com a comunidade já que a mesma participa diretamente dos eventos da comunidade. Sua convivência ocorre principalmente a partir de práticas ligadas à Igreja católica e à associação de moradores, ao clube de mães, às festividades e ao contato com os vizinhos. A pesquisa decorre de um sentimento de pertencimento à comunidade, seja pelo convívio, nas relações interpessoais, apoio em momentos de dificuldades, na socialização de práticas utilizadas na agricultura, dentre outras.

O objeto relevante deste trabalho é o conceito de religiosidade e, como essa questão, pode afetar diretamente no cotidiano, portanto, na vida das pessoas em comunidade, particularmente na vida das mulheres no campo, suas atuações dentro do contexto familiar com suas especificidades e enfrentamentos ao machismo, ao patriarcado, ao patrimonialismo estrutural.

Ademais, a temática das mulheres esteve presente desde o início do curso de Licenciatura em Educação do campo: Ciências Sociais e Humanas, principalmente a partir de aprofundamentos sobre a situação da mulher na sociedade. A mulher do campo, de modo especial, desperta o interesse em aprofundar a pesquisa, visto a sua relação mais próxima com a terra.

Destaca-se nesta pesquisa, que o objeto central de estudo foi a relação das mulheres com a religiosidade, principalmente a partir da Igreja Católica, que nesse caso específico vai passando de geração em geração e teve em sua base o catolicismo tradicional. Assim, como objetivos específicos a intenção desta pesquisa foi aprofundar a reflexão sobre os conceitos de religiosidade, do cotidiano, da comunidade e do cuidado com a vida, com a terra e de que modo isso reflete no

cotidiano de mulheres do campo.

Partiu-se da hipótese, de que a religiosidade, entendida como vivência da fé, está presente no cotidiano de vida das mulheres e contribui para o fortalecimento da vida em comunidade, ampliando os laços de solidariedade.

A pesquisa foi de natureza teórica, com tratamento qualitativo dos dados. Optamos por este método para aprofundar o estudo de um grupo específico, no caso de uma comunidade da zona rural de Laranjeiras do Sul. Na pesquisa qualitativa, segundo Goldenberg (2003, p. 14), “A preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória, etc.”

Portanto, a pesquisa qualitativa permite apresentar um resultado a partir do diálogo entre os conceitos teóricos estudados, com as entrevistas, com o trabalho de campo, com a vivência da autora na comunidade.

Para realizar a pesquisa empírica, foram feitas 3 (três) entrevistas semiestruturadas, tendo como critério de escolha mulheres que foram e são atuantes na comunidade. Observando os princípios éticos da pesquisa, as entrevistas foram gravadas, transcritas e arquivadas. Somente foram utilizadas para esta pesquisa. Os nomes utilizados das entrevistadas são fictícios, preservando o anonimato e o livre direito e esclarecido. Pretendeu-se com a entrevista aproximar pesquisadora e entrevistada já que concordamos com Minayo (2004, p. 114, grifos da autora) quando salienta que “a *entrevista* não é simplesmente um trabalho e coleta de dados, mas sempre uma ‘situação de interação’ na qual as informações dadas pelos sujeitos podem ser profundamente afetadas pela natureza de suas relações com o entrevistador.”

Ainda, utilizou-se do instrumento do Diário de Campo onde foram anotadas as impressões da pesquisadora das observações.

A pesquisa também se caracteriza como um estudo de caso, que de acordo com Freitas e Prodanov (2013, p. 60) “consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa.”

O trabalho está estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo apresentamos um estudo histórico da formação cultural e social da comunidade Vera Cruz, compreendendo-a no contexto do município de Laranjeiras do Sul/PR.

No segundo e último capítulo aprofundar-se os conceitos de religiosidade, de cotidiano a partir da vivência das mulheres do campo e suas práticas coletivas e solidárias. fazendo a articulação, e a relação da teoria estudada, com a pesquisa empírica, analisando os efeitos, da religiosidade no cotidiano das mulheres da comunidade Vera Cruz em Laranjeiras do Sul/PR.

## **2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE LARANJEIRAS DO SUL/PR E DA COMUNIDADE VERA CRUZ**

Este capítulo tem por objetivo fazer uma breve contextualização histórica do município de Laranjeiras do Sul/PR e da comunidade Vera Cruz, enfatizando aspectos sociais e culturais.

### **2.1 O MUNICÍPIO DE LARANJEIRAS DO SUL NO ESTADO DO PARANÁ**

O município de Laranjeiras do Sul/PR teve desmembramento do município de Guarapuava em 30 de novembro de 1946 e sua atual data de comemoração se dá no mesmo dia (Ipardes, 2007). A população de Laranjeiras do Sul estimada pelo IBGE (2022) é de 32.227 pessoas. Sua área territorial possui 673.688 km<sup>2</sup> e tem a distância da capital Curitiba de aproximadamente 366 km.

Localiza-se na Mesorregião Centro-Sul do Estado do Paraná. Cabe salientar ainda que Laranjeiras do Sul foi capital do Território Federal do Iguazu<sup>1</sup>, entre os anos de 1943 a 1946 (Município de Laranjeiras do Sul, s./d., s./p.). Parafraseando Camargo (1999), a escolha de Laranjeiras do Sul como capital do Território teve um grande marco para o seu crescimento, tanto econômico quanto social, visto que para manter-se o *status* de capital, foram construídos diversos prédios públicos, como por exemplo: o Fórum, o Grupo Escolar Tiradentes e instalou-se a residência do Governador.

Nesse viés, Lopes (2002) assevera que esse projeto fazia parte da nacionalização que o governo queria implantar no país. Com o intuito centralizado em facilitar a colonização e a ocupação da terra houve aumento significativo no fluxo de imigrantes regionais.

Atualmente, o município de Laranjeiras do Sul integra o Território da Cantuquiriguaçu. Recebe esse nome pois os municípios que integram o referido Território estão localizados no Vale dos Rios Cantu, Piquiri e Iguazu.

---

<sup>1</sup> “O Território Federal do Iguazu foi criado durante o governo do presidente Getúlio Vargas, por meio do Decreto-Lei nº 5.812, de 13 de setembro de 1943 e geograficamente sua área abrangia o Oeste e Sudoeste do Paraná e Oeste de Santa Catarina. No mesmo decreto, foram criados os Territórios Federais do Amapá, do Rio Branco, de Ponta Porã e do Guaporé.”

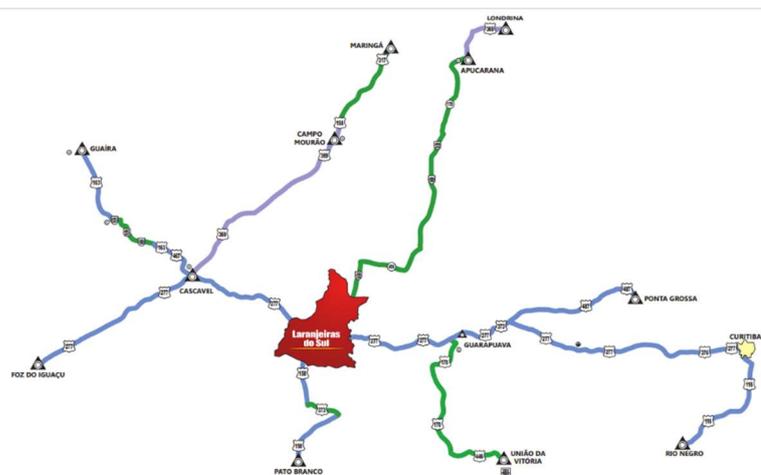
A área definida como Território Cantuquiriguaçu localiza-se no Terceiro Planalto Paranaense e abrange uma área de 13.947,73 km<sup>2</sup>, correspondendo a cerca de 7% do território estadual. Essa região faz divisa, ao norte e noroeste com o território Paraná Centro, a oeste com o território Cascavel, ao sul com o Grande Sudoeste, a sudeste com o território União da Vitória, e a leste faz divisa com o território Centro-Sul (Ipardes, 2007, s./p.).

No território da Cantuquiriguaçu destacam-se algumas atividades econômicas, como pode ser evidenciado por Krajewski (2018, p. 172):

Em suma, observa-se claramente a pecuária, a erva-mate, a suinocultura e a madeira como atividades econômicas mais importantes na origem do Território. Aliás, verifica-se que o setor agropecuário ainda tem grande relevância para toda a região, conforme descrito a seguir. Não obstante, é evidente que o surgimento de novos municípios carrega o histórico econômico de seus municípios de origem. Isto significa apontar que a formação econômica dos Campos Gerais (Guarapuava) e de Laranjeiras do Sul impactam diretamente na economia atual dos municípios do Território Cantuquiriguaçu. Embora a região sofra os reflexos da “Revolução Verde”, da instalação de novos municípios e de novas atividades econômicas, o setor agropecuário ainda é muito relevante, conforme pode ser constatado por meio dos indicadores demográficos e socioeconômicos demonstrados mais adiante.

A seguir, uma imagem ilustrativa da localização geográfica do município de Laranjeiras do Sul, no Estado do Paraná.

Figura 1 – Localização do município de Laranjeiras do Sul/PR



Fonte: Município de Laranjeiras do Sul s./d.

Ao fazermos um breve histórico da colonização do município de Laranjeiras do Sul, é possível evidenciar que o mesmo é resultado de inúmeros conflitos. Sendo assim, é importante contextualizar que a partir de 1500, a coroa portuguesa e espanhola, no intuito de conquistar novas terras, utilizou os jesuítas (catequizadores) como parte da estratégia de dominação dos povos nativos. Essa afirmação é evidenciada por Camargo (1999) em seu livro “Raízes da nossa Terra”:

Os jesuítas, que passaram pela nossa região rumo ao Extremo-Oeste do Paraná, teriam levado consigo centenas de índios, tendo como finalidade utilizá-los como intérpretes no contato com outras tribos, no intuito de melhor ambientar-se com seus costumes e para o Êxito da catequese. A mudança desses costumes, o cerceamento da liberdade total, o combate que os religiosos faziam contra a poligamia, comum entre os habitantes da terra, fizeram com que muitos abandonassem as reduções voltando para suas regiões de origem. No entanto, estes índios fugitivos haviam assimilado novidades com os jesuítas, inclusive aprendido um pouco dos idiomas espanhol e português, fator muito importante para o desbravamento dos nossos sertões. (p.14).

Possivelmente com o medo de perder as suas terras e como a colonização não era pacífica, os povos nativos que já ocupavam o território se revoltaram e se rebelaram contra quaisquer invasores brancos que os traziam medo e insegurança. Nesse contexto, de acordo com Camargo (1999, p. 184):

O choque entre posseiros e índios na localidade de Jacutinga, pela falta de demarcação de terras, ocasionou mortes e destruição de propriedades, fez com que autoridades solicitassem urgentes providências ao governo estadual e ao serviço de proteção ao índio.

Mussoi (2015), assevera que existem dificuldades em compreender a história da humanidade quando relacionada à posse da terra. Na maioria das vezes, constitui-se como um símbolo de dominação e poder. A Mesorregião que compreende o recorte desta pesquisa, constitui-se em meio a conflitos por terra e que acabaram por formar o território.

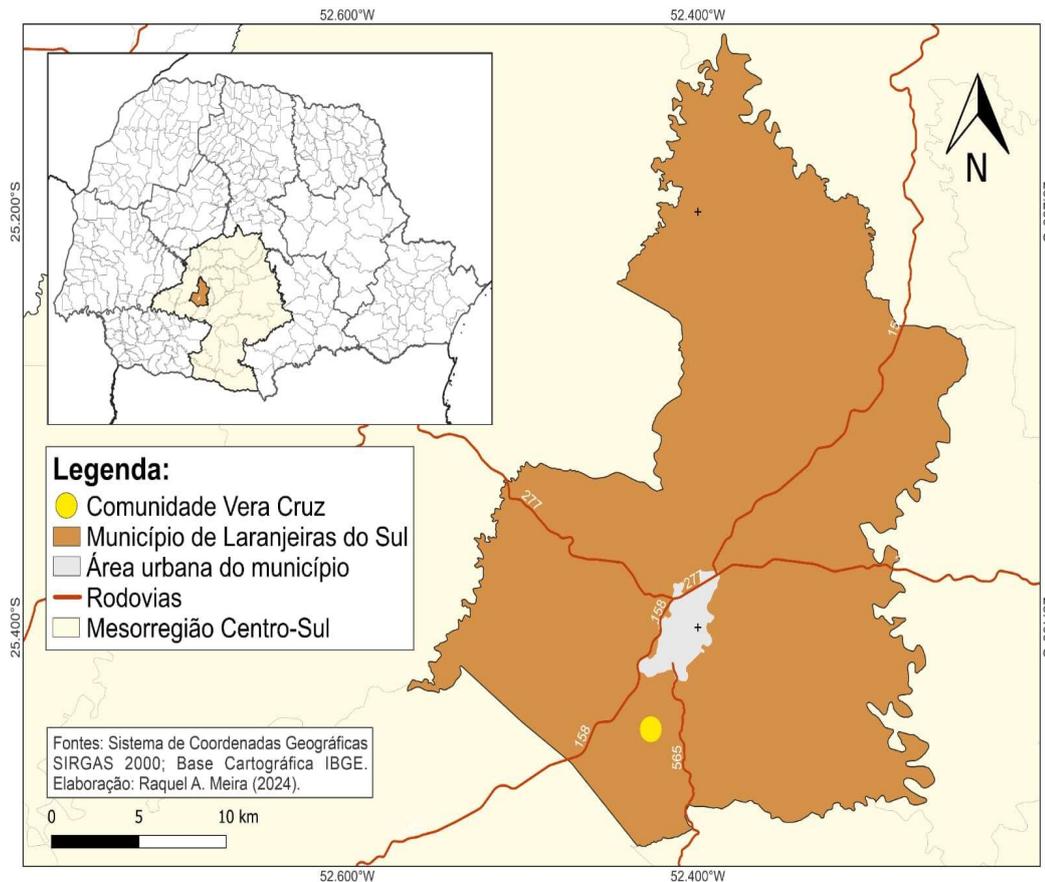
De acordo com Miskiw (2009), a referida Mesorregião teve ponto estratégico para a tomada de rotas comerciais de Guarapuava/PR a Foz do Iguaçu/PR por meio de exploração de metais preciosos, erva-mate e madeira nativa e a disputa pela terra.

É perceptível, desse modo, a força da “era dos pioneiros” em conquistar novas terras e, assim, inúmeros são os conflitos relatados. Com isso, formam-se algumas comunidades, a partir da predominância de imigrantes europeus.

## 2.2 A COMUNIDADE VERA CRUZ

A comunidade Vera Cruz, espaço do objeto deste trabalho, está situada a 15 km de distância da área urbana de Laranjeiras do Sul/PR. A seguir, uma imagem ilustrativa da localização geográfica da comunidade Vera Cruz dentro do município de Laranjeiras do Sul, no Estado do Paraná.

Figura 2 - Localização da Comunidade Vera CR município de Laranjeiras do Sul/PR



Fonte: Autora (2024).

Aproximadamente 30 famílias residem na comunidade, sendo que as mesmas

sobrevivem prioritariamente da agricultura familiar. A produção em sua maioria é para o consumo próprio e também para a venda de produtos, sendo predominantes a soja, o trigo e a criação de gado. O trabalho é eminentemente familiar e, na necessidade de mais mão de obra, contratam temporariamente o serviço de vizinhos, ou de parentes mais próximos (Diário de Campo, 2023).

Segundo Andrioli (2022), a agricultura familiar normalmente é desenvolvida em pequenas comunidades do interior, tem como objetivo principal o sustento da família e sua sobrevivência se dá a partir do que se cultiva na terra. Dessa forma: “a) na agricultura familiar é o próprio trabalho da família que é responsável pela geração de valor [...]; e b) a agricultura familiar é responsável pela maior parte da produção de alimentos.” (Andrioli, 2009, p. 13).

Essa origem da comunidade está diretamente ligada ao trabalho propiciado e fortalecido pela base familiar conforme afirma a Entrevistada 1 ao trazer à memória como era a organização da vida no campo em anos anteriores:

*[...] Antigamente não existia esse negócio chamado emprego, a gente plantava pra comer. Nos criava porco e eles mesmo colhiam na roça o milho. Porque não vendia milho. Quando sobrava, a gente socava no monjolo, fazia farinha e trocava por outros mantimentos.*

A entrevista mostra como as famílias sobreviviam do trabalho familiar, produzindo autonomamente para o consumo próprio. Com o passar do tempo e o advento da Revolução Verde<sup>2</sup>, esse cenário se modificou.

Outro fator importante a mencionar são as divisões de tarefas entre homens e mulheres na propriedade, ou seja, os homens geralmente se dedicam ao cuidado com as máquinas, das lavouras e dos financiamentos.

*[...] meu marido e meu filho trabalham na lavoura. Eles colhem e plantam pra vender e pra criação dos animais, já as atividades da casa e da horta e na*

---

<sup>2</sup> “A Revolução Verde foi um processo lento, não só de mudança técnica, mas sobretudo econômica e também cultural que impulsionou transformações na agricultura, associadas a um pacote tecnológico (fertilizantes, sementes, agrotóxicos e máquinas, (fármacos, rações, instalações, matrizes e reprodutores animais), que induziu a especialização produtiva (monocultivos e confinamentos e criação extensiva de animais) em grandes extensões de terra, com objetivo de exportação de matéria-prima. A agricultura foi subordinada à indústria e assumiu sua lógica na produção agropecuária, constituindo o que se denomina complexo agroindustrial. O processo da Revolução Verde só foi possível com o aporte de recurso público, consistindo numa aliança entre as elites industriais e agrárias, para realizar intencionalmente uma modernização conservadora, para desenvolvimento das relações capitalistas no campo, sem alterar as estruturas de poder e propriedade.” (HADICH; ANDRADE, 2021, p. 651).

*criação de animais, é comigo. Eu tenho meu tempo muito corrido, com as atividades de casa e da Igreja, eu sou a representante da nossa comunidade, então, diariamente tem questões que precisam ser resolvidas. (Entrevistada 3).*

As mulheres, por sua vez, têm como uma de suas preocupações propiciar qualidade de vida para a família por meio de uma alimentação saudável. Por isso, em seus quintais produzem ovos, criam galinhas, porcos, derivados de carne de porco, plantam mandioca, batata, hortaliças, frutas, lidam com as vacas e o leite e seus derivados, dentre outras tarefas. Além disso, há uma relação de cuidado com a terra e com a vida (Diário de Campo, 2023).

Com o intuito de entender a formação da comunidade, seus primeiros moradores recorremos a entrevistas semiestruturadas, dada a dificuldade em encontrar registros históricos escritos. Nesse sentido, de acordo com a Entrevistada 1, nascida na comunidade e atualmente com 88 anos, a imigração polonesa esteve presente na constituição da comunidade.

*[...] Eu nasci na comunidade Vera Cruz. Sou descendente de polonês, assim eles falavam que vieram da Europa, sei lá [...]. Diziam que lá tinha uma guerra e eles fugiram de barco pro Brasil. Minha mãe veio de São Matheus do Sul, e meu falecido pai de Curitiba/Pr. Antigamente não existia carro igual hoje, eles vieram de carroça, levaram muitos dias até chegar aqui. (Entrevistada 1).*

A comunidade Vera Cruz teria se originado de descendentes de poloneses, vindos na marcha do Oeste. Isso indica pelas datas passadas pela Entrevistada 1 que a comunidade teria surgido em meados da década de 1940, de onde imigrantes vieram em busca de terras férteis para o desenvolvimento da agricultura.

A Entrevistada 2 (70 anos), conta-nos a história de como chegou na comunidade:

*[...] Eu me casei aqui, mas vim do Rio Grande do Sul quando meu avô comprou terras aqui [...] veio toda a família e foi dividida uma parte de mais ou menos 5 alqueires para cada um. Mais tarde, nós fomos comprando mais terras dos herdeiros que foram indo embora.*

Cabe destacar que a posse da terra se dava com a chegada dos povos e demarcavam-se as mesmas conforme iam abrindo a mata. Relatos dão conta que alguns dos primeiros proprietários obteve uma área totalizando 600 alqueires de terra na comunidade.

*[...] Meu avô quando chegou aqui tinha uma posse de 600 alqueires de terra, que mais tarde quando faleceu deixou 62 alqueires e 12 hectares de terra para cada herdeiro. A finada vó não quis a metade e entrou como herdeira, porque era muito caro pra pagar os documentos e registrar, daí ela não quis a metade e ganhou igual à família (Entrevistada 1).*

É possível evidenciar por alguns relatos também que a comunidade é formada por praticamente familiares que se casaram entre si, para continuar usufruindo da posse da terra. Contudo, com o aumento das famílias, a propriedade diminuiu.

Outro fato curioso é que antes de se denominar Comunidade Vera Cruz, a comunidade era conhecida pelo nome de Rio Facão, porém, não se tem ou não se sabe as evidências do significado desse nome.

Havia ainda a formação de um cruzeiro na beira da estrada onde as pessoas que passavam e contavam histórias relatavam que a comunidade se passava abeirando a cruz e o padre que vinha rezar a missa uma vez por mês, dizia que vinha até o cruzeiro “beirando a cruz” daí o termo Vera. Assim, conseguia seguir seu rumo, pois as pessoas associavam ao cruzeiro e o acompanhavam (Diário de Campo, 2023). Por isso, é cunhado o nome da comunidade Vera Cruz. A seguir, na Figura 3 é possível visualizar o referido cruzeiro e a Igreja que representa um espaço de encontro e de vivências em comunidade.

Figura 3 - Imagem da Igreja Vera Cruz e ao lado o cruzeiro representando o nome da comunidade



Fonte: Autora (2023).

A Igreja, representada pela religião católica, teve influência direta na formação da comunidade, onde se evidenciam costumes e valores cristãos.

Um aspecto importante trazido dentro da pesquisa na organização e formação da comunidade se dá ao seu início a partir dos relatos históricos que no centro das comunidades foram criadas a capela, a escola e um barracão que precedem até hoje os espaços culturais de festejos, reuniões e o clube de mães. A vida nas comunidades tem certas conexões entre escola e igreja, observa-se que estes espaços eram e são construídos coletivamente e voluntariamente. No decorrer da pesquisa, aprofundaremos um pouco mais esses aspectos.

### **3 EFEITOS DA RELIGIOSIDADE NO COTIDIANO DE VIDA DAS MULHERES DA COMUNIDADE VERA CRUZ EM LARANJEIRAS DO SUL/PR**

Este item traz a reflexão teórica mesclada com a experiência vivida, numa relação direta da vida das pessoas com a comunidade. Há o esforço de articular a pesquisa empírica em diálogo com interlocutores e interlocutoras teóricas com o objetivo de compreender os efeitos da religiosidade no cotidiano das mulheres da comunidade Vera Cruz em Laranjeiras do Sul/PR.

#### **3.1 O COTIDIANO E A VIDA EM COMUNIDADE**

Para compreensão do conceito de comunidade, recorreremos ao Dicionário Aurélio (2010). Nesse viés, a comunidade se forma por um conjunto de pessoas que habitam e convivem num mesmo local. Em outras palavras, há um agrupamento social onde vão se constituindo relações sociais, culturais, econômicas e religiosas. As comunidades, por sua vez têm a função de participar do cotidiano e ao seu redor, seja na escola, nas vilas, nas cidades, nos grupos religiosos, nas políticas públicas, na ajuda coletiva ou na organização do espaço em que se integram.

Bauman (2003) ressalta que as comunidades para continuarem existindo necessitam de cuidados e de entendimento e essas comunidades só permanecem ativas e fortalecidas quando os sujeitos se organizam em conjunto, para existir e resistir. Por sua vez, as comunidades são espaços de lazer e sobrevivência que com o tempo vão se adequando conforme a sua necessidade e a modernidade. A comunidade provoca sensações de solidariedade e vida em comum.

Como nos mostra Bauman (2001, p. 8), a palavra "comunidade" evoca uma sensação positiva devido aos significados que ela carrega.

Numa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros. Se tropeçarmos e cairmos, os outros nos ajudarão a ficar de pé outra vez. Ninguém vai rir de nós, nem ridicularizar nossa falta de jeito e alegrar-se com nossa desgraça. Se dermos um mau passo, ainda podemos nos confessar, dar explicações e pedir desculpas, arrepender-nos se necessário; as pessoas ouvirão com simpatia e nos perdoarão, de modo que ninguém fique ressentido para sempre. E sempre haverá alguém para nos dar a mão em momentos de tristeza.

É muitas vezes vista como a segurança em meio à hostilidade. Contudo, por outro lado, cabe refletir que as comunidades podem deixar de existir, principalmente em comunidades interioranas quando alguns objetivos não são mais comuns. Bauman (2001, p. 19) alerta para a fragilidade da comunidade:

A comunidade de entendimento comum, mesmo se alcançada, permanecerá, portanto frágil e vulnerável, precisando para sempre de vigilância, reforço e defesa. Pessoas que sonham com a comunidade na esperança de encontrar a segurança de longo prazo que tão dolorosa falta lhes faz em suas atividades cotidianas, e de libertar-se da enfadonha tarefa de escolhas sempre novas e arriscadas, serão desapontadas.

Para se manter viva, entretanto, é necessário que a comunidade mantenha viva as suas características peculiares à sua sobrevivência. Trata-se, portanto, de um grupo de pessoas que ocupam lugares físicos e compartilham características culturais e sociais distintas, onde se pode somar as habilidades e propostas parecidas com a vizinhança, sejam elas harmoniosas ou não, onde geralmente produzem auto suficiência no sinônimo de pertencimento.

Nesse viés entendemos que as condições necessárias, para que as comunidades continuem a existir são advindas do diálogo, da convivência, das atividades propostas em coletividade, essas as fazem crescer e a permanecer vivas. Portanto, as comunidades giram em torno do pertencimento a um grupo, no qual se dá sobre uma coletividade forte, mas pelo grupo social de pessoas que habitam um espaço se objetivam e criam vínculos.

No caso da exclusão sumária ninguém pode optar com facilidade por retirar-se da comunidade; os ricos e cheios de recursos, como todos os demais, não têm para onde ir. Essa circunstância aumenta a capacidade de recuperação da “minorias étnica” e lhe dá uma vantagem de sobrevivência em relação a comunidades que não foram excluídas da “sociedade maior”, e que tendem a dissipar-se e a perder a especificidade de maneira muito mais rápida, abandonadas de pronto pelas elites nativas. Mas também reduz a liberdade dos membros da comunidade. (Bauman, 2001, p. 89).

Outro aspecto importante são os conflitos gerados dentro de certas comunidades, que, embora desafiadores, são necessários para alcançar resultados melhores, tanto em conquistas individuais quanto coletivas. Esses vínculos são abordados no campo. Na criação de um espaço, muitos conflitos surgem nas comunidades, independentemente das etnias ou grupos que nele convivem. Esses

conflitos são essenciais para o desenvolvimento e a resistência das comunidades. Além disso, certos conflitos são fundamentais para a formação de novos espaços e a construção da história.

Na comunidade ora estudada (Comunidade Vera Cruz) um elemento importante e determinante, na sua existência e resistência foi a escola, cujo nome se dava por Escola Rural Municipal Inês Pech Faé, sob regência das professoras Maria de L. Freitas, Terezinha Gonzela e Tereza Izabel Geteski, que lecionavam nas turmas do 1º ao 5º ano (anos iniciais).

A formação da escola, portanto, desde o início, teve a função de alfabetização das crianças da comunidade, por motivos de distanciamento da comunidade até a cidade. Uma das principais características das comunidades é o importante passo da formação da escola, esta que por sua vez se dá a participação coletiva da comunidade, desde a sua construção, doação do terreno e administração dos moradores da comunidade.

Documentos oficiais nos trazem datas da sua construção e primeiras matrículas, estas que se realizaram em fevereiro de 1978 com aproximadamente 24 alunos matriculados, sendo que destes 24 estudantes, apenas 22 alunos participavam das atividades diárias, deste mesmo ano.

O que se sabe, baseado em entrevistas da pesquisa de campo, é que a escola funcionava onde atualmente está localizada a Igreja católica e o pavilhão da comunidade, e no período da escola se utilizavam desta como ponto de encontro, missas, festejos, casamentos e atividades culturais desenvolvidas pelos membros da escola e da comunidade. Os boletins e nomes dos estudantes, com as notas e frequências ficam arquivados na prefeitura de Laranjeiras do Sul/PR.

A seguir, algumas fotos dos arquivos dos históricos escolares dos anos de 1978 e 1979 disponibilizados pela prefeitura municipal de Laranjeiras do Sul/PR nos proporcionam e conhecer um pouco mais sobre a escola e sua administração.

Figura 4 - Histórico Escolar do ano de 1978

ESTADO DO PARANÁ  
Secretaria de Educação e Cultura  
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE ENSINO DE 1.º GRAU  
DIVISÃO DE VERIFICAÇÃO E INSPEÇÃO DA REDE ESCOLAR

Resumo final do ano de 19 78  
Escola Rural Imã Rech Fae' - VERACRUZ  
(Nome do Estabelecimento)  
Município Laranjeiras do Sul Distrito Sede  
INSPETORIA REGIONAL DE ENSINO DE Sul do Sul

ALUNOS	Pré-Pri		1.º ano		2.º ano		3.º ano		4.º ano		5.º ano	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Matriculados	24		14	8					2			
Presentes	22		14	8					2			
Não compareceram												
Aprovados	22		14	8					2			
Reprovados	2		2									
Concluíram o curso	2								2			
TOTAL												

ATA DE EXAME

Aos 19 (dezoito) dias do mês de Dezembro do ano de mil novecentos e Setenta e oito na escola Imã Rech Fae' distrito de Sede município de L. do Sul sob a regência d professor(a) Maria dos Trinitas e Teresinha Gansela, presentes Sr. (a) Isabel G. Bastin (Autoridade que presidiu) e professores(as) Teresa realizaram-se os exames do presente ano letivo, pelo livro de matrícula e chamada verificou-se a presença de 20 alunos do 1.º ano do II ano 2 do III ano 2 do IV ano e 2 do V ano, num total de 29 alunos, dos 24 matriculados. Concluídos os exames apurou-se os seguintes resultados Foram aprovados e promovidos para o II ano 22 alunos, para o III ano 2, para o IV ano 2 e para V ano 2 concluíram o curso 2 alunos do 4.º ano. Foram reprovados 2 alunos do I ano, 2 alunos do II ano, 2 do III ano 2 do IV ano 2 e do V ano 2. Não compareceram 2 aluno de I ano, 2 do II ano 2 do III ano, 2 do IV ano 2 e V ano 2, num total de 2 alunos. Nada mais havendo a constar, eu, professor(s) da escola, lavrei a presente ata em livro próprio da escola, a qual será assinada pela autoridade que presidiu os exames, pela banca examinadora e por mim.

Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Laranjeiras do Sul/PR

Figura 5 - Histórico Escolar do ano de 1979

ESTADO DO PARANÁ  
Secretaria de Educação e Cultura  
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE ENSINO DE 1.º GRAU  
DIVISÃO DE VERIFICAÇÃO E INSPEÇÃO DA REDE ESCOLAR

Resumo final do ano de 1979

Nome do Estabelecimento: Inês Peck Faei Vera Cruz

Município: S. do Sul Distrito: Sede

46ª INSPECTORIA REGIONAL DE ENSINO DE S. do Sul

ALUNOS	Pré-Pri		1.º ano		2.º ano		3.º ano		4.º ano		5.º ano	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Matriculados					9	6	3					
Presentes					8	6	3					
Não compareceram					1	-	-					
Aprovados					8	6	3					
Reprovados												
Concluíram o curso												
TOTAL												

ATA DE EXAME

Aos 23 dias do mês de novembro do ano de mil novecentos e 79 na escola de Inês Peck Faei classe \_\_\_\_\_ distrito de Sede município de S. do Sul sob a regência do professor(a) Teresa J. Guteski, presentes Sr. (a) Lucília Dariz (Autoridade que presidiu) e professores(as) \_\_\_\_\_ realizaram-se os exames do presente ano letivo, pelo livro de matrícula e chamada verificou-se a presença de \_\_\_\_\_ alunos do 1.º ano 14 do II ano 3 do III ano - do IV ano - e - do V ano, num total de 17 alunos, dos 18 matriculados. Concluídos os exames apurou-se os seguintes resultados Foram aprovados e promovidos para o II ano \_\_\_\_\_ alunos, para o III ano 14, para o IV ano 3 e para V ano \_\_\_\_\_ concluíram o curso \_\_\_\_\_ alunos do \_\_\_\_\_ ano. Foram reprovados \_\_\_\_\_ alunos do I ano. \_\_\_\_\_ alunos do II ano, \_\_\_\_\_ do III ano \_\_\_\_\_ do IV ano \_\_\_\_\_ e do V ano. Não compareceram \_\_\_\_\_ aluno do I ano 1 do II ano \_\_\_\_\_ do III ano, \_\_\_\_\_ do IV ano \_\_\_\_\_ e V ano \_\_\_\_\_, num total de 1 alunos. Nada mais havendo a constar, eu, professor(a) da escola, lavrei a presente ata em livro próprio da escola, a qual será assinada pela autoridade que \_\_\_\_\_

Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Laranjeiras do Sul/PR

Ademais, buscamos no Dicionário da Educação do Campo entender o motivo pelos quais a escola é tão importante para a formação de uma comunidade, onde “o principal fundamento do trabalho pedagógico deve ser a materialidade da realidade dos educandos, a partir da qual se abre a possibilidade de ressignificar o conhecimento científico, que já é, em si, produto de um trabalho coletivo [...]” (Molina; Sá, 2012, p. 329).

Parte-se, assim, do pressuposto que a educação deve valorizar o diálogo de saberes. Assim, um dos conceitos fundamentais para a educação do campo é partir da conscientização dos sujeitos, que inseridos em suas realidades, as ressignificam.

De acordo com Freiyas (2008, p. 99-100):

A conscientização, compreendida como processo de criticização das relações consciência-mundo, é condição para a assunção do comprometimento humano diante do contexto histórico-social. [...] É através da conscientização que os sujeitos assumem seu compromisso histórico no processo de fazer e refazer o mundo, dentro de possibilidades concretas, fazendo e refazendo também a si mesmos.

Nesse aspecto, o conhecimento se constitui em uma dimensão de estudo e vivência em comunidade, que permite potencializar a vida dos sujeitos que ali vivem, bem como ressignificar os conhecimentos e potencialidades ali existentes.

Cabe salientar ainda que há uma diferenciação entre educação do campo e educação rural. Sendo assim, é possível afirmar que a escola rural tem por objetivo servir de ponto de encontro para uma precária educação de sujeitos que moram no campo e necessitam dela, pela falta muitas vezes de transporte ou pela necessidade de se ter uma educação mesmo que inferiorizada, ao mesmo tempo, controversa a que as gerações passadas obtiveram. De acordo com Ribeiro (2012, p. 295):

Para estes sujeitos, quando existe uma escola na área onde vivem, é oferecida uma educação na mesma modalidade da que é oferecida às populações que residem e trabalham nas áreas urbanas, não havendo, conforme os autores, nenhuma tentativa de adequar a escola rural às características dos camponeses ou dos seus filhos, quando estes a frequentam.

Além disso, de modo geral, evidencia-se uma alta taxa de analfabetismo e o baixíssimo índice de escolarização nas áreas rurais, já que estudos nos mostram que as escolas rurais têm a função de executar leituras e problemas matemáticos simples, sendo que estes conhecimentos não são tão proveitosos aos camponeses, quando associados à terra, o que nos provoca a discussão sobre o porquê uma comunidade de zona rural muitas vezes não consegue se manter fortalecida (Ribeiro, 2012).

Nesse contexto, quando perguntada sobre como a função da escola dentro da comunidade se evidencia, a Entrevistada 1 nos relata de como foi fundamental a participação de todos na construção e defesa da mesma:

*[...] A escola foi construída por nós mesmos, moradores daqui. Cada um doou um pouco de madeira e fizemos num terreno doado. A cidade era muito longe, daí nós não tínhamos como leva os filhos e fizemos uma casinha na beira da estrada, era simples, mas nós não queria luxo, apenas um lugar pros nossos filhos aprender a ler. As crianças vinham tudo de cavalo e carroça. Apesar das dificuldades e dos dias de chuva, as crianças aprendiam muito, era muito*

*mais difícil de ensinar, mas era muito mais proveitoso o aprender das crianças. Parece que elas aprendiam mais que as crianças de hoje que tem tudo nas mãos. Nem caderno não tinham e se dedicavam mais, porque sabiam que pra mudar de vida tinham que estudar.*

Conforme a Entrevistada 1, a escola teve sua fundamentação na busca pelo conhecimento, o aprender a ler e, posteriormente, a catequização, o conhecimento sobre a figura de Deus e a imagem protetora de Maria, já que a religião que predomina na comunidade e a única Igreja presente até o momento é a católica. A Igreja inclusive foi construída no mesmo terreno da escola, o que nos traz a reflexão acerca do vínculo entre a religião e a escola.

A Entrevistada 2 relata a dificuldade em ir à missa na cidade, daí a necessidade de muitas vezes utilizar o espaço da escola como ponto de encontro dos católicos. Assim, no início, as primeiras missas aconteceram na escola.

*[...] Antes de construir a Igreja aqui nós ia em Laranjeiras, eu fiz a novena do apostolado da oração 9 meses e eu ia a cavalo [...] às vezes eu paro e penso: quanto sofrimento, mas a gente ia com fé em Deus e Nossa Senhora, saía de madrugada.*

A escola, por sua vez, funcionava como ponto de referência para encontros de missa e novenas, reuniões. Por ser longe das casas, o povo se reunia na escola para celebrar a missa. Pode-se afirmar que a comunidade Vera Cruz foi uma das primeiras do município a construir uma escola que perdurou por no máximo 10 anos (dado que se tem a partir das entrevistas, não se tem o conhecimento exato de quanto tempo permaneceu aberta).

Contudo, com o passar dos tempos, a escola fechou por falta de manutenção e falta de políticas públicas. A Igreja, entretanto, permanece aberta até os dias atuais, no mesmo espaço onde funcionava a escola. Para a comunidade, a Igreja tem muita relevância e necessita ser conservada (Diário de campo, 2023).

*[...] Uma vez por mês vinha um padre da cidade que rezava a missa na escola, meu avô plantou a cruz na beira da estrada. [...] Dia 3 de maio era missa da Santa Cruz, o falecido padre Paulo vinha a cavalo e ficava pousando nas casas enquanto não chegava na comunidade. O bispo morava em Laranjeiras e fazia a região até Foz do Iguaçu (Entrevistada 1).*

Na sequência, trazemos uma imagem ilustrativa da antiga Igreja de madeira, onde por um tempo funcionou a escola da comunidade:

Figura 6 - Antiga Igreja de madeira da comunidade Vera Cruz



Fonte: Acervo do Clube de Mães (2022).

Conforme a Entrevistada 2, a escola teve influência na alfabetização dos seus filhos, tendo em vista que a professora era da comunidade e que dentro desse contexto, a mesma conhecia a realidade dos estudantes, o que é primordial para a entrevistada.

*Quando nós chegamos aqui, já tinha a escolinha, que foi doado o terreno pelos meus finados avós, meus filhos estudaram até o quarto ano do ensino fundamental, o que mais nos deixa contente que a professora era vizinha e conhecia a nossa situação [...]. Nós fazíamos festas e torneios para arrecadar fundos para arrumar a escola. Era muito precário, mais as crianças aprendiam mais que hoje em dia (Entrevistada 2)*

Essas reflexões preliminares da comunidade, permitem a sistematização de uma realidade vivenciada e que não pode ser esquecida. Dentro desse contexto, a importância do papel das mulheres para manutenção desses espaços de formação. Mesmo com essa breve narrativa da formação da Comunidade Vera Cruz cabe-nos refletir acerca da importância da vida em comunidade. Nesse viés, pode-se destacar que a vida vivida em comunidade é uma maneira única de experiência no coletivo, como forma de um grupo social. É por intermédio das vivências e da ajuda mútua, dos mutirões, que as identidades vão se construindo social e culturalmente (Andrioli, 2022). As mulheres do campo, de modo peculiar, têm na comunidade uma força que as ampara e as fortalece.

Há uma identidade das mulheres agricultoras aliada à vida em comunidades rurais. Hábitos e culturas propagam-se de geração em geração, tendo em vista a família como base da organização. À uma primeira vista parece contraditório as mulheres de uma organização estritamente familiar assumirem-se como causas feministas, mas a agricultura familiar tem como referência central a família (Andrioli, 2022, p.122).

Outra dimensão atual, que consideramos necessária e que tem feita a diferença na vida das pessoas da comunidade e, em especial das mulheres, é o clube de mães<sup>3</sup>. Uma organização que está presente na vida em comunidade e é enfatizada pela Entrevistada 1. É considerado um lugar de encontro, de fortalecimento da amizade, de contar causos, dividir angústias e alegrias. Nos encontros toma-se chimarrão, aprende-se algumas atividades que no decorrer do dia a dia elas não têm tempo de fazer. Segundo o depoimento da Entrevistada 1:

*[...] Antigamente existia muito mais gente no clube de mães e isso era bom, porque a gente aprendia muitas coisas. [...] Eu fiz o primeiro curso de bioenergético, que foi as irmãs que vieram de Porto Alegre dar curso aqui pra nós começar a trabalhar com bioenergético.*

Em concordância com a Entrevistada 1, a Entrevistada 2 nos faz um relato de como é viver em comunidade e a importância do clube de mães e das atividades vivenciadas no coletivo:

*[...] Se nós não tivéssemos a ajuda de ninguém, jamais conseguiríamos reformar a Igreja e organizar algumas coisas que precisamos como, por exemplo, o pavilhão da Igreja, que é fundamental para o clube de mães. Nesse tempo que passamos juntas, nós conversamos, tomamos chimarrão, falamos das nossas vidas. Passa o tempo [...] nós aqui na roça temos muito serviço, além de ajudar nossos maridos, temos o cuidado com os filhos e a terra que tiramos o sustento. Então, o clube de mães nos tira da rotina (Entrevistada 2).*

Para as mulheres, o clube de mães é fundamental, sendo que dentro desses encontros abre-se novos olhares para o mundo, vislumbram-se possibilidades de autonomia em ocupar e integrar espaços na sociedade, já que muitas vezes essas mulheres não têm a mesma autonomia em suas casas. Cabe mencionar ainda que a

---

<sup>3</sup> Vários cursos ofertados no clube de mães foram realizados pelo Sebrae e pelo Cras – Centro de Referência em Assistência Social.

prefeitura oferece de forma gratuita cursos de panificação, de crochê, pinturas em pano, derivados de leite. As mulheres aprendem a fazer doces e geleias, dentre outros (Diário de campo, 2023). Uma das perspectivas das comunidades são esses espaços de formação e de convivência. A imagem, a seguir, ilustra um pouco dessa vivência, permeada pela influência da religiosidade.

Figura 7 - Mulheres carregando uma imagem sagrada em forma de devoção



Fonte: Acervo do Clube de Mães (2022).

O trabalho de campo, as entrevistas e a vivência na comunidade permitiram perceber o protagonismo das mulheres na manutenção da vida em comunidade. Isso se evidencia principalmente nas ações cotidianas e nos modos de vida. Nesse sentido, Agnes Heller nos auxilia na compreensão de que o cuidado, as paixões, os sentimentos são elementos que moldam o cotidiano e a vida diária das pessoas.

A vida cotidiana é a vida do indivíduo. O indivíduo é sempre, *simultaneamente, ser particular e ser genérico*. Considerado em sentido naturalista, isso não o distingue de nenhum outro ser vivo. Mas, no caso do homem, a particularidade expressa não apenas seu ser “isolado”, mas também seu ser “individual”. Basta uma folha de árvore para lermos nela as propriedades essenciais de todas as folhas pertencentes ao mesmo gênero; mas um homem não pode jamais representar ou expressar a essência da humanidade. (Heller, 2014, p. 34 e 35, grifos da autora).

As pessoas estão inseridas na sociedade, fazem parte dela, se relacionam,

estão interligadas. “O cotidiano são nossas histórias pessoais, nossos sentimentos diante dos acontecimentos, nossas reações diante do noticiário da rádio ou da televisão, ou ainda nossas reações perante os múltiplos problemas da atualidade”. (Gebara, 2000, p. 121).

É no cotidiano de vida que acontecem as trocas, os saberes e também as relações sociais, culturais que vão nos constituindo enquanto sujeitos. Desse modo, trazemos para a reflexão as mulheres que participam, além dos afazeres domésticos, direta e indiretamente da associação de moradores, da direção da Igreja, do encaminhamento de informes dentro da comunidade, através dos avisos na Igreja, nas reuniões, nas palestras disponibilizadas pela prefeitura, da organização de eventos e festas da Igreja e da comunidade, bingos e atividades culturais feitas dentro da comunidade e fora dela. Pode-se dizer inclusive que as mulheres, objetos desse estudo, são as que mantêm a organização da Igreja, desde a infraestrutura, as missas, os cultos e providência de materiais para os catequisandos e envolvidos diretamente no centro religioso, sendo que as mesmas prestam esses trabalhos de maneira voluntária e solidária. Atualmente a missa na refrida comunidade rural acontece uma vez por mês, quase sempre com pouca gente. Poucas mulheres participam, mas essas ocupam seu espaço nos cantos, nas leituras. Mas também há aquelas que por não terem tido oportunidade de estudar, não saber ler, se sentem inferiores.

Contudo, mesmo com as atividades na Igreja, estas mulheres concentram seu maior tempo nas atividades domésticas, principalmente no cuidado com a casa e com os filhos, que por sua vez toma muito mais tempo.

### **3.2 INFLUÊNCIA DA RELIGIOSIDADE NO COTIDIANO DAS MULHERES**

Compreendemos a religiosidade “como uma vivência de fé, de espiritualidade, de afirmação de crenças e por uma mística que permite, por intermédio da cultura, criar um novo sentido nas relações humanas e nas ações cotidianas.” (Andrioli, 2022, p. 55). Trata-se das concepções e concepções que as pessoas possuem sobre o mundo, a vida, o sagrado. E nesse contexto é que a religiosidade se constitui nas relações sociais e culturais.

Já a religião é uma estrutura, nesse caso específico tratamos da Igreja Católica. A religião congrega as mais diversas crenças, rituais e também se manifesta por uma ideologia. “Assim, ela veicula valores sociais, morais e políticos na sociedade. A religião também é cultura, pois está situada no mundo e o mundo é permeado de valores, de relações de poder, de normas e condutas que assim constituem a sociedade.” (Andrioli, 2022, p. 53).

Conforme Manoel, (2008) a religião, vista em termos formais, é uma estrutura fechada, mas há limites nessa abordagem formal, uma vez que no interior do campo religioso se encontram sujeitos sociais e suas múltiplas religiosidades.

A religião é um conjunto de doutrinas e práticas institucionalizadas, já a religiosidade pode significar um atributo humano, no sentido de buscar o sagrado, “sem especificar o que seja esse sagrado, tanto como fuga, quanto como explicação para o real vivido, ou ainda mesmo para negociações e entendimentos com a ou as divindades na procura de resoluções de problemas cotidianos” (Manoel, 2008, p. 18).

Nesse contexto, tentou-se compreender como essa religiosidade está presente nas práticas cotidianas das mulheres, nos aspectos socioculturais, nos momentos de lazer, nos modos de vida. Conforme a Entrevistada 3:

*[...] pra mim Deus é centro de tudo, ele tá nos mínimos detalhes, desde o cuidado com a terra, na minha horta mesmo, sempre tenho chazinhos pra curar a minha netinha, com os animais e na casa. Deus está na alimentação que produzo com tanto carinho pra minha família. Eu não preciso ver Deus na Igreja, eu atribuí isso à minha vida, eu enxergo a imagem de Maria quando uma mãe tá amamentando o seu bebê, ou quando ele cai e ela corre pra ver se ele se machucou, isso é a minha devoção.*

A religiosidade acontece a medida em que há a fé empregada ao cotidiano vivenciado, sendo estes na horta, nos cuidados com os filhos e com a família, na oração que elas fazem antes de dormir, pedindo ao Deus no que acreditam, misericórdia para vencer e resolver os conflitos diários. Percebe-se, assim, que as mulheres estudadas se fortalecem por meio da fé, da cura de suas dores e sofrimento, conforme evidenciado pela Entrevistada 2:

*[...] a vida no interior é muito difícil, aqui trabalhamos o tempo todo, dia e noite. Assim, precisamos da fortaleza do nosso Deus para aguentar. Quando eu*

*estou deprimida, eu vou até a Igreja, dobro meus joelhos e peço à Nossa Senhora pelo alívio de tanto sofrimento e muita saúde pra aguentar. Às vezes eu não preciso ir lá, eu vou debaixo de uma árvore e já consigo sentir a minha santinha me amparando.*

Nessa concepção de análise de religiosidade, busca-se uma vertente a partir das práticas vivenciadas e descritas pelas entrevistadas, sendo estas dentro de perspectivas camponesas, já que o estudo vivencia mulheres do campo. Conforme a Entrevistada 1:

*[...] pela minha idade mais avançada eu sinto a presença de Deus nas crianças aprendendo a caminhar, caem tombos e levantam e tentam de novo, eu consigo sentir a fé numa galinha que arrisca a vida pra proteger seus filhotinhos, no fruto que temos no pé pra matar a fome, ou na água do "rio", que bebemos pra matar a sede. Sabe, você não precisa morar na Igreja pra ser santo, a fé tá no nosso dia a dia.*

A partir de leituras e análises da coleta de dados acerca dos conceitos de religiosidade, evidencia-se que ela pode agir na nossa transformação interior e tem a ver com o sagrado. Essa transformação acontece não apenas dentro da Igreja ou nos espaços de orações. Independente da religião, a religiosidade se vive e pode ser compartilhada, dado visto que no campo essa religiosidade pode ser mais evidenciada, o que se prega pelas entrevistadas, mesmo que muitas vezes de forma abstrata, pode-se nos proporcionar simplicidade, carisma, amor ao próximo e ajuda mútua. Afirma a Entrevistada 3:

*[...] a minha religiosidade tá nas minhas práticas do dia a dia. De nada adianta eu viver de joelhos, se quando meu vizinho ou um andarilho me pedir comida, ou ajuda, eu negar. Eu sou cristã pelas minhas atitudes e não pela minha oração.*

A religiosidade pode ser vivenciada pelos cuidados e a pesquisa nos traz experiências de religiosidade popular, como exemplo disso, citamos as ervas medicinais, os medicamentos advindos da terra, as rezas, as curas, os rosários que acompanham essas mulheres diariamente. Assim, a pesquisa traz as condições que a religiosidade permite, entrelaçada aos cuidados diários.

*[...] quando eu tenho problemas e preocupação, eu procuro ir tratar dos bichos, cuidar da horta, plantas mudas. Nessa hora até os chazinhos de camomila me ajudam a acalmar. Ai a gente desaparece a cabeça, e com fé em Deus tudo se resolve. Eu gosto de plantar ervas medicinais, porque além de me ajudar, eu posso ajudar a minha família sem precisar se encher de remédios. (Entrevistada 1).*

Dentro da pesquisa empírica, o que nos chama atenção são as mulheres com idades diferenciadas e, ao mesmo tempo, culturas semelhantes. O ato de evangelizar não está proposto apenas na pregação da palavra de Deus, mas no seu cotidiano, na ajuda com o próximo. Um ponto que chama atenção a partir da pesquisa, é essa coletividade de opiniões baseadas na sua subjetividade.

Além disso, não podemos deixar de fazer uma análise acerca da religião de que a mesma é conservadora, embora muitas mulheres estudadas nessa pesquisa lutam pelo direito de ter sua espiritualidade apregoada a estes espaços, as mulheres do campo ainda convivem diretamente com o patriarcado existente dentro da Igreja. Evidencia-se, muitas vezes o papel da mulher do campo dentro da Igreja, já com suas vestes um pouco abatidas, geralmente carregadas de filhos, seu semblante cansado por atividades rotineiras e sobrecarregadas e isso faz com que são vistas como inferiores, atrasadas. Esse modo de como a religião trata do povo pobre também interfere no cotidiano das mulheres, na sua religiosidade.

A visão de uma espiritualidade libertadora somente foi possível com a instituição da teologia da libertação<sup>4</sup>, que é o avesso da doutrina fechada, que não te faz melhor ou tampouco lhe emancipa enquanto ser humano.

No Brasil, com o processo de redemocratização ao fim dos anos 1970, as idéias e práticas vinculadas à Teologia da Libertação tiveram forte influência nos movimentos sociais e de trabalhadores. Os anos 1980 foram marcados pela reorganização popular da sociedade brasileira e a entrada em cena de novos personagens. (MENEZES NETO, 2007, p. 1).

Conforme Neuenfeld (2008, p. 10) no que se refere ao papel das mulheres dentro do contexto religioso, ainda há fortemente uma visão da mulher pecadora, tenatadora o que só legitima a opressão patriarcal:

A estrutura patriarcal cristaliza-se na cultura ocidental provocando, legitimando e sacralizando a violência contra as mulheres, de gênero e

---

<sup>4</sup> Vale ressaltar, no entanto, que a comunidade estudada têm suas bases no catolicismo tradicional.

sexista. O papel da religião no exercício da violência simbólica, por meio de imagens e textos, legitima e sacraliza uma sociedade patriarcal e misógina. Mitos e valores cristãos são introjetados e incorporados por mulheres e homens. Os corpos são formatados pelas regras patriarcais religiosas. O controle dos corpos, como expressão religiosa, reflete-se na sexualidade, na forma de lidar com o corpo, com os desejos, com o erotismo e com o prazer.

Em contraponto a essa visão legitimadora de opressão patriarcal pela religião, a teologia da libertação, aproxima-se com a luta e a realidade das sujeitas do campo, que não precisam apenas da Igreja para sua libertação cultural e religiosa. Há a vivência que pode ser compartilhada em grupos, em eventos culturais, em ajuda mútua, como nos mostraram algumas entrevistas como, por exemplo, dentro do clube de mães, que não se tem apenas ênfase em aprender cursos de aperfeiçoamento, ou seja, as mulheres dividem saberes e compartilham experiências, como exemplo as trocas de mudas e sementes, ou talvez o equilíbrio de poder ajudar suas amigas e vizinhas em alguns problemas e condições diárias.

A espiritualidade é, em primeiro lugar, aprender a acolher e a louvar a interdependência vital que nos caracteriza, que nos faz simplesmente existir. A espiritualidade é a educação pessoal e comunitária para valores de convivência. Por isso, não se trata mais de repetir palavras que já não tocam mais os nossos corações, que já não movem mais nossas entranhas humanas e nos alienam de nossa própria responsabilidade humana. O silêncio teológico se impõe para que possamos ouvir de novo o grito das entranhas humanas. O silêncio teológico se impõe como condição para ouvir a voz de milhares e milhares de mulheres e homens que buscam dignidade para suas vidas. (Gebara, 2010, p. 55).

A teologia da libertação nos fala do sagrado em trazer para a análise o mundo desejado por Jesus, com o compromisso de transformar a sociedade, pelo cuidado com os mais necessitados, baseado na justiça, na liberdade, no amor e na igualdade. “Com a influência [...] da Teologia da Libertação, principalmente a partir da década de 1970, modificam-se algumas formas de pensar. A Igreja assume, nesse contexto, um papel que religa as pessoas para construir uma sociedade mais igualitária e digna.” (Andrioli, 2022, p. 151).

Por esse viés, evidencia-se a participação das mulheres mesmo que dentro do sistema patriarcal. Essa libertação (em contraponto à opressão) muitas vezes é negada dentro de sua própria identidade, independente de qual seja. não “corresponde mais às necessidades vitais das pessoas que buscam encontrar sentido nos diferentes momentos, sofrimentos e alegrias de sua existência.” (Gebara, 2010, p. 48). Assim, a vivência da fé, nessa perspectiva, não é apenas uma reflexão teórica,

mas uma prática engajada e comprometida com a construção de um mundo mais justo e solidário, onde todos os seres humanos possam viver com dignidade e plenitude. É um convite constante para que a comunidade de fé se posicione ao lado dos mais vulneráveis, assumindo um papel ativo na busca por um futuro mais humano e fraterno para toda a humanidade.

Nesse viés, as entrevistas também trouxeram evidências das lutas travadas por essas mulheres como forma de resistência e emancipação:

*[...] eu vejo a vida em comunidade como uma ajuda muito coletiva, nós aqui no interior e que moramos longe da cidade dependemos muito dos vizinhos e de nós mesmas. Hoje em dia eu tenho mais emancipação, eu dirijo, eu posso pedir socorro quando preciso, eu me dou muito bem com os vizinhos, já que minha família mora longe, eles são a minha família, eu sou totalmente independente do meu marido, já que a vida dele é muito corrida e ele trabalha muito. Então, eu busco resolver minhas coisas sozinha, por exemplo, eu sou diretora da Igreja, dou meu máximo. (Entrevistada 3).*

A pesquisa também evidenciou o trabalho em coletividade. E isso reforça o abordado anteriormente da força da vida em comunidade. Conforme a Entrevistada 3:

*Aprendi que no interior, nada é meu e tudo é de todos. Por exemplo, quando preciso de uma ajuda com a terra ou às vezes quando falta luz, meu vizinho é o primeiro que eu chamo, já vem ele e a mulher, os filhos deles também me ajudam. Geralmente o homem tá na lavoura ou resolvendo negócios na cidade e acaba que ela sempre vem e nunca me diz não. Porque quando ela precisa ela sabe que pode contar comigo sempre.*

Nesse sentido, é possível evidenciar que são vários os efeitos da religiosidade no cotidiano da vida das mulheres participantes da pesquisa. A religiosidade se manifesta frequentemente de forma popular e coletiva, atendendo às necessidades da população pobre e oprimida, que busca na fé um alívio espiritual para seus anseios e angústias. A vivência da fé, da espiritualidade em sua cotidianidade, a participação nas atividades da comunidade reforça exerce profundas influências sobre as pessoas, moldando não apenas suas crenças espirituais, mas também suas interações sociais e seus valores. Isso quer dizer que influencia tanto a vida individual como a esfera coletiva. Ademais, encontra-se na religiosidade e na vida em comunidade um sentido profundo de identidade, pertencimento e esperança em um mundo melhor de se viver.

Cabe destacar que o papel das mulheres na sociedade e na construção das comunidades é fundamental, quando a partir de sua religiosidade e espiritualidade

refletem sobre a sua vida, as suas tristezas, e as mesmas confortam de maneira individual e coletiva. Por mais sofridas e doloridas que sejam ou estejam, elas carregam o caminho para a sua paz interior.

As mulheres constantemente estão sobrecarregadas de atividades rotineiras, ainda mais quando aliadas às suas vidas no campo, estas são bem mais atarefadas quando comparadas às mulheres que moram na cidade.

As entrevistas proporcionaram fortaleza e, ao mesmo tempo, incertezas da sociedade a qual fazemos parte. Foi possível verificar que as mulheres carregam em si severas e pesadas rotinas inferiorizadas, contudo, a partir da sua religiosidade emergem contribuições na mudança dessa sociedade melhor de se viver. Dentro da pesquisa de campo procurou-se viver e sentir um pouco dessa cotidianidade, afinal essa pesquisadora também fez parte desse espaço desigual. Viver em uma sociedade que por sua vez discrimina e coloca a mulher do campo à mercê dos acontecimentos diários e da modernidade muda toda uma estrutura construída e reconstruída por anos de mulheres simples e humildes.

A religiosidade apresentada por essas mulheres é atribuída aos valores religiosos ensinados de geração em geração e esses saberes são oferecidos constantemente por elas, sendo assim atribuídas por elas mesmas sem a ajuda do sistema religioso, ou da estrutura que é a Igreja, aí se coloca o papel do ser social dentro da sociedade. A busca pelo sagrado é evidenciada por elas e isso reflete diretamente na sua vida cotidiana. A essência dessas mulheres pode ser vista em expressar suas crenças com tanto carinho, mesmo que dentro do contexto social, praticam no seu dia a dia.

A interação dessas mulheres se manifesta em sua convivência diária, no cuidado com os familiares, com a horta, com os animais e com os vizinhos. Elas praticam e valorizam esses rituais, demonstrando a importância de "fazer o bem", compartilhando conhecimentos e cultivando sementes, sempre com um foco na coletividade. Isso evidencia que essas manifestações ocorrem de forma plural, pois são agentes sociais que se destacam, especialmente no contexto religioso, quando comparadas a outros grupos sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo proporcionou uma compreensão mais aprofundada da realidade da comunidade Vera Cruz, localizada no município de Laranjeiras do Sul, Paraná. Apesar de haver poucos registros históricos, as entrevistas tiveram papel fundamental para escrever um pouco dessa história. Centralizou-se especialmente na importância da religiosidade na vida das pessoas e da própria comunidade. Através das entrevistas e da pesquisa de campo, aliadas à experiência da pesquisadora na comunidade, ficou evidente o papel protagonista das mulheres na preservação e dinâmica comunitária.

Entre os elementos resilientes da comunidade, destacam-se a Igreja, o clube de mães, as visitas, os mutirões, as novenas, as festas religiosas e as procissões anuais. A vigorosa atuação das mulheres na condução dessas atividades é fundamental para a coesão e sustentação da comunidade. Elas desempenham um papel central na reprodução e organização das práticas comunitárias, consolidando a hipótese levantada de que a religiosidade, entendida como uma vivência de fé diária, permeia o cotidiano delas.

Cabe salientar, entretanto, que a intenção desse estudo não foi reforçar o papel conservador que a Igreja católica ainda detém de controle das mulheres, mas avançar na visão de uma espiritualidade que liberta e emancipa as mulheres em suas ações cotidianas. Sem dúvida, a teologia da libertação teve papel central nessa criticidade das relações humanas ao transformar a interpretação religiosa, enfocando a vida cotidiana das pessoas e sua existência real, tanto individual quanto coletiva.

Outrossim, reforçamos que trabalhos como estes não apenas evidenciam a religiosidade como vivência pessoal e a religião como parte integrante da cultura, mas também provocam uma reflexão profunda sobre a importância da vida em comunidade. A pesquisa revela os múltiplos desafios ainda enfrentados pelas mulheres do campo, nas suas lutas cotidianas.

É essencial reconhecer que essas mulheres não apenas lideram e organizam atividades fundamentais para a vida comunitária, mas também enfrentam obstáculos significativos, desde a escassez de recursos até a falta de reconhecimento pleno de

seu trabalho. Suas contribuições são essenciais para a preservação da identidade cultural da comunidade, contudo, muitas vezes são subestimadas.

Entrevistar as mulheres não foi uma tarefa simples, pois elas compartilharam histórias de vida marcadas por grandes desafios e dificuldades ao longo do caminho. Foi um desafio ouvi-las com atenção e estar aberto às diferentes perspectivas e experiências que se revelavam ali.

Assim, é possível concluir que a religiosidade não apenas fortalece a coletividade, mas também amplia os laços de solidariedade dentro da comunidade. O engajamento das mulheres demonstra não apenas uma participação ativa nas atividades religiosas, mas também um compromisso com o bem-estar e a continuidade da comunidade como um todo. Ademais, trazer essa problemática como um trabalho de conclusão de curso na licenciatura em educação do campo, possibilitou analisar uma experiência de educação não formal que transforma pessoas, a comunidade e a vida.

## REFERÊNCIAS

ANDRIOLI, Liria Ângela. **Religiosidade e Mística no movimento de mulheres agricultoras** – Um processo de constituição de identidades por meio da Educação Popular. Curitiba: Editora Appris, 2022.

ANDRIOLI, Antônio Inácio. Agricultura familiar, agroecologia e educação ambiental. *In*: ANDRIOLI, Antônio Inácio (Org.). **Tecnologia e agricultura familiar: uma relação de educação**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

CAMARGO, João Olivir. **Raízes da nossa terra: a história épica e contemporânea**. Laranjeiras do Sul: Editora Vicentina, 1999.

DIÁRIO DE CAMPO, 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio**. Editora Positivo, 2010.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Conscientização (verbetes). *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silêncio: uma fenomenologia feminista do mal**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEBARA, Ivone. **Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos**. Antologia de Textos. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2010.

HADICH, Ceres; ANDRADE, Gilmar. Revolução Verde. *In*: DIAS, Alexandre Pessoa *et al.*, **Dicionário de Agroecologia e Educação**. 1º Ed. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

IBGE. **Censo demográfico**. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/laranjeiras-do-sul.html>. Acesso em: 10.11.2023.

IPARDES, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Diagnóstico socioeconômico do Território Cantuquiriguaçu: 1a fase** caracterização global. Curitiba: IPARDES, 2007.

KRAJESKI, Luis Cláudio. **A IMPORTÂNCIA DA UFFS/CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL (PR) E O DESENVOLVIMENTO DO TERRITÓRIO CANTUQUIRIGUAÇU.** FURB, 2018. Tese de Doutorado.

LOPES, Sérgio. **O Território do Iguaçu no Contexto da “Marcha para Oeste”.** Cascavel: Edunioeste, 2002.

MANOEL, Ivan Aparecido. **História, religião e religiosidade.** Revista Brasileira de História das Religiões. Dossiê Identidades Religiosas e História. Ano I, n. 1, maio de 2008.

MENEZES NETO, Antonio Julio. A Igreja Católica e os movimentos sociais do campo: a teologia da libertação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Caderno CRH**, Salvador, v. 20, n. 50, maio/ago. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792007000200010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792007000200010&script=sci_arttext). Acesso em: 26 de junho de 2024.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo, SP: Hucitec, 2004.

MISKIW, Antonio Marcos. **A fronteira como destino de viagem: a colônia militar de Foz do Iguaçu (1888/1907).** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2009.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Lais Mourão. Escola do Campo. *In*: CALDART, Roseli Salete *et al.* **Dicionário da educação do campo.** São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012.

MUSSOI, Arno Bento. **Território Federal do Iguaçu- Perspectivas para o Desenvolvimento Regional.** Laranjeiras do Sul: Editora Cantu, 2015.

MUNICÍPIO DE LARANJEIRAS DO SUL. s./d. Disponível em: <https://www.laranjeirasdosul.pr.gov.br/>. Acesso em: 18 outubro 2023.

NEUENFELDT, Elaine. Abrindo as janelas - Olhares da teologia feminista, gênero e religião sobre epistemologia, violência e sexualidade. *In*: NEUNFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara (org.). **Epistemologia, violência e sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião.** São Leopoldo: Sinodal-EST, 2008.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIBEIRO, Marlene. Educação rural. *In*: CALDART, Roseli Salete *et al.* **Dicionário da educação do campo**. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012.

## **APÊNDICE 1: ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS**

1. Como é seu nome?
2. Tem filhos?
3. Quanto tempo você reside em Laranjeiras do Sul? Onde residia antes e porque vieram morar aqui?
4. Na Comunidade Vera Cruz você mora a quanto tempo?
5. Nos conte um pouco da história da comunidade Vera Cruz. Quando ela foi fundada, quem foram as primeiras famílias a ocupar a comunidade, de onde vieram.
6. O que deu origem ao nome da comunidade Vera Cruz?
7. Como foi o processo de construção da Igreja Católica?
8. Quantas famílias residem atualmente na comunidade?
9. Qual a principal atividade/trabalho das pessoas que residem na comunidade?
10. As famílias vivem da agricultura? O que plantam?
11. Há algum clube de mães, grupo de Igreja ou da comunidade em que as pessoas se reúnem? Como são esses encontros?
12. O que significa viver em comunidade? Você se sente fortalecida com a vida em comunidade?